

Local Conference Call
Banco do Brasil Nac. – (29314)
Resultados do Exercício de 2006
28 de Fevereiro de 2007 – 11:00h - horário local

Operadora: Bom dia a todos. Estamos iniciando neste momento a teleconferência do Banco do Brasil onde será discutido o resultado do exercício de 2006. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e, mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação. Caso os senhores precisem da ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar “asterisco zero”.

Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo transmitida simultaneamente pelo site do Banco do Brasil no endereço www.bb.com.br/ri site de Relações com Investidores no portal BB onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência relativas às perspectivas dos negócios do banco, projeções e metas operacionais e financeiras constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do banco. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje estão os Srs. Aldo Luiz Mendes, Vice-Presidente de finanças, mercado de capitais e relações com investidores; Nilson Martiniano Moreira, Diretor de Controladoria; Gil Aurélio Garcia, Contador Geral e Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente de Relações com Investidores. Inicialmente o Sr. Aldo irá apresentar os resultados do exercício de 2006 e em seguida os executivos responderão às questões que serão formuladas por telefone ou e-mail.

Agora, gostaria de passar a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes. Por favor, Sr. Aldo, pode prosseguir.

Sr. Aldo Luiz Mendes: OK, muito bom dia. Obrigado pela presença de todos e, como de costume, nessa teleconferência eu e o nosso Gerente de RI o Marco Geovanne vamos fazer uma breve apresentação dos destaques do resultado e logo em seguida nós vamos estar à disposição para responder às perguntas que vocês queiram fazer. A propósito, eu lembraria a todos que as informações relativas ao resultado estão disponíveis no site de relações com investidores do banco, incluindo a transmissão desta teleconferência e todas as demais informações alusivas ao resultado que nós estamos divulgando. Eu convido também a todos aqueles interessados, a participarem da vídeo webcast com acionistas e investidores que nós realizaremos na tarde de hoje e que será transmitida ao vivo pela Internet. As informações para conexão podem ser encontradas também no nosso site de RI.

Bom, iniciando então a nossa apresentação eu queria chamar atenção para o slide nº2 onde podemos observar alguns destaques relativos aos números do exercício e também do quarto trimestre de 2006. O Banco do Brasil registrou um lucro líquido de R\$ 6,44 bilhões no ano passado, valor esse 45,5% superior ao observado no ano anterior. No quarto trimestre, como vocês podem ver, o lucro foi de R\$ 1,248 bilhão ou 37,5% maior do que no terceiro trimestre.

Bom, com a sensível melhora das perspectivas para o segmento de agronegócio, isso aliado ao sucesso da renegociação dos créditos aos agricultores, nós podemos manter no trimestre a boa performance verificada ao longo do ano na expansão da carteira de crédito tanto no financiamento para o consumo quanto no financiamento às grandes empresas. Além disso, eu queria chamar atenção de vocês para o crescimento das receitas com tarifas e também para o controle de nossos custos administrativos como aparece aí nessa lâmina, um crescimento de apenas 4,6% nas despesas administrativas ao longo do ano, e a expansão das receitas com tarifas que atingiu mais de 16% também no conceito anual.

Nesse contexto então, o quarto trimestre de 2006 a margem financeira do banco cresceu como pode ser visto aí também, 10,4% sobre o trimestre anterior e nós acreditamos que 2007 esse ratio, margem financeira sobre ativos rentáveis deverá flutuar em torno de 8%. As despesas com provisão para risco de crédito em consequência da melhora do perfil de risco da carteira como um todo, caíram 9,3% no quarto trimestre. E para o ano em curso, nós esperamos que essas despesas cresçam atreladas ao próprio crescimento da carteira, o próprio crescimento dos negócios.

As receitas com prestação de serviços continuam num bom ritmo; um crescimento, como eu já mencionei de 16,2% no ano passado, dentro daquilo que nós esperávamos. E para 2007, nós acreditamos numa expansão que pode ficar entre 14 e 17% nessas receitas. Por outro lado, as despesas administrativas registraram um aumento, como eu também já mencionei, de 4,6%.

Operadora: Senhoras e senhores. Por favor, aguardem. Dentro de instantes, retomaremos a conferência. Obrigada. Senhoras e senhores. Por favor, aguardem. Dentro de instantes, retomaremos a conferência. Obrigada. Senhoras e senhores, com licença, por favor, Sr. Aldo, pode retomar a conferência.

Sr. Aldo Luiz Mendes: OK, tivemos um problema com a conexão de linha telefônica, mas já podemos retornar. Bom eu dizia então que no quarto trimestre de 2006 a margem financeira do banco cresceu 10,4% sobre o trimestre anterior e que nós acreditamos que em 2007 esse mesmo ratio, margem financeira sobre ativos rentáveis deverá flutuar em torno de 8%. As despesas com provisão para risco de crédito em consequência da melhora do perfil de risco da carteira, caiu 9,3% no trimestre. Em 2007 nós esperamos que essas despesas cresçam atreladas ao crescimento da própria carteira.

Bom, as receitas com prestação de serviços por seu turno continuaram num ritmo muito bom, um crescimento de 16,2% no ano, como eu já havia mencionado, dentro daquilo que nós esperávamos. Para 2007 nós acreditamos numa expansão que deve ficar entre 14 e 17% para essas receitas.

Por outro lado, despesas administrativas registraram um aumento de 4,6% como eu também já chamei atenção anteriormente, isso no ano de 2006 comparado ao ano anterior - uma elevação em linha com a inflação e com o efeito do acordo coletivo da categoria dos bancários, elevação essa completamente compatível com o crescimento dos negócios. Nossa estimativa é que esse comportamento se repita também em 2007.

A carteira de crédito que foi talvez um dos pontos altos da nossa performance ao longo de 2006, cresceu 30.8%. Só no quarto trimestre o crescimento foi de 12,5% puxado pelas operações com pessoa jurídica, onde a gente pôde perceber uma expansão superior a 20%.

Em 2007 nós imaginamos manter o foco no crédito para pessoas físicas trabalhando para crescer em torno de 40%. Mais adiante o Marco Geovanne pode dar detalhes sobre as nossas apostas nesse segmento. O nosso esforço será para que a carteira como um todo encerre 2007 com uma evolução entre 20 e 25%.

Temos ainda nessa lâmina outras informações que o Geovanne poderá detalhar um pouco mais adiante, nos próximos slides e antes de passar a palavra para ele, eu gostaria de destacar o retorno sobre o patrimônio líquido, que foi de 32% e que nós conseguimos no ano de 2006. Foi um ano em que tivemos alguns eventos extraordinários lá no primeiro e no segundo trimestre, principalmente, efeitos esses que trouxeram impactos positivos para o resultado, mas nós não podemos esquecer que nós reforçamos as nossas provisões para risco de crédito por conta do ambiente, a princípio, até metade do ano adversos para o negócio, ambiente esse que se transforma à partir da renegociação da **dívida externa**, ambiente esse que se transforma à partir do novo cenário sendo desenhado para o agronegócio, de forma que em 2007 nós esperamos uma performance muito próxima dos nossos níveis históricos mais recentes, que permitiam um retorno para o banco, algo entre 20 e 25% de retorno sobre o patrimônio.

Bom, eu gostaria então agora de convidar, então, o Marco Geovanne para fornecer detalhes adicionais sobre esses números. Geovanne, por favor.

Sr. Marco Geovanne T. Silva: Obrigado Aldo, bom dia a todos, mais uma vez desculpa pelo problema tecnológico, vamos então passar imediatamente para a lâmina 3. Eu gostaria de iniciar aqui apresentando o desempenho das ações do banco no ano. Nós encerramos 2006 cotados a R\$ 64,00 a ação e com um volume médio negociado diariamente na Bovespa, em torno de R\$ 25,2 milhões, um volume bastante expressivo, comparado ao histórico que nós tínhamos.

Os papéis do Banco do Brasil eles tiveram uma valorização de 65,8% no ano, o dobro do desempenho da Bovespa, que encerrou o ano com uma valorização de 32,9%. É importante lembrar aqui que nós comemoramos em 2006 os 100 anos de listagem do Banco do Brasil na Bolsa de Valores e também a adesão do banco ao novo mercado da Bovespa que foi um marco na nossa história, reafirmando os nossos compromissos com as melhores práticas de governança corporativa.

Nesse ano nós também realizamos uma oferta pública de ações que foi responsável pela colocação de aproximadamente 53 milhões de papéis no mercado. Essa operação foi a maior oferta recente no mercado de capitais brasileiro; ela totalizou um volume de R\$ 2,3 bilhões, ou seja US\$ 1 bilhão e permitiu a elevação do nosso free float para 14,8%. Nós também mantivemos o pay out ratio de 40% que foi distribuído aos nossos acionistas e o valor total distribuído a título de remuneração, foi de R\$ 2,4 bilhões, sendo que 1 bilhão foi na forma de dividendos e R\$ 1,4 bi na forma de juros sobre capital próprio. Esses valores eles são 61,4% superiores aos distribuídos no ano de 2005 e corresponderam a R\$ 2,93 por

ação. Cabe lembrar aqui que nós também distribuímos dividendos e juros sobre os ganhos extraordinários contabilizados ao longo de 2006.

É importante lembrar que nós divulgamos ontem, aviso aos acionistas indicando que o dividendo sobre os juros capital próprio referentes ao segundo semestre de 2006 serão pagos agora no próximo dia 12 de Março. A partir deste trimestre, a periodicidade de pagamentos de dividendos no Banco do Brasil passará a ser trimestral, conforme já foi devidamente anunciado. E ainda com relação às nossas ações eu gostaria de lembrar que o conselho de administração aprovou submeter à assembléia geral de acionistas que será realizada no dia 25 de Abril proposta de split das nossas ações, de desdobramento das nossas ações na proporção de 1 para 3. Esta proposta também já foi comunicada ao mercado.

Vamos agora passar para a lâmina 4. O gráfico à esquerda da lâmina mostra que o spread dos ativos rentáveis do banco descreve uma curva ligeiramente, bem diferente da trajetória apresentada pela Selic. Ela confirma o que nós já vínhamos dizendo que a margem do Banco do Brasil ela apresenta uma certa resiliência à queda dos juros. Observe que nós perdemos em 12 meses 80 pontos base na nossa margem financeira, enquanto que a Celic caiu 520 pontos base.

A recuperação no quarto trimestre de 2006 em relação ao anterior pode ser explicada pelo gráfico abaixo na lâmina. Notem que ocorreu uma pequena recuperação do spread das operações com pessoa física, mas a mudança mais marcante aconteceu no spread das operações do Agronegócio que subiu desde o terceiro trimestre de 2006, 120 pontos base. Esse crescimento é explicado por um maior volume de receitas com equalização que foram recebidas no quarto trimestre, onde se concentra um número maior de contratações e é importante também lembrar que nós passamos a receber receitas de equalização num novo patamar, conforme tinha sido negociado para a safra 2006/2007.

Na lâmina 5, nós podemos observar aqui a carteira de crédito do Banco do Brasil que atingiu a marca de R\$ 133,2 bilhões, um crescimento expressivo de 30,8% em relação ao ano de 2005. A carteira doméstica, ela cresceu 30,6% no ano, contra 20,8% observados no sistema financeiro nacional. Essa marca é muito importante. E as operações de pessoas físicas lastreadas com recursos livres elas cresceram quase que 36%. Ou seja, 10,6 pontos percentuais acima do crescimento observado na indústria bancária brasileira.

É digno de ressaltar também o desempenho de carteira de pessoa jurídica que cresceu 45,5% no período e as operações do Agronegócio evoluíram 26,2% refletindo não só a renegociação, mas também as novas contratações ocorridas no período. Dentro do crédito à pessoa física que representa aproximadamente aí 18% da carteira de crédito total do banco cabe destacar o crédito consignado que ao final de 2006 atingiu R\$ 8,3 bilhões um crescimento de 117,8% em relação ao mesmo período do ano anterior. Com esse resultado o banco conquistou 17,2% de participação no mercado de consignados. Outro destaque na carteira de pessoas físicas é resultante da estratégia que nós adotamos para o mercado de veículos. A evolução da carteira de financiamento a veículos que cresceu 375,9% e atingiu R\$ 894 milhões foi atingindo, seguindo a estratégia de reestruturação dessa carteira. É importante lembrar que no final do ano nós iniciamos o atendimento também a clientes

correntistas e não correntistas por meio de concessionárias e multimarcas parceiras do Banco do Brasil.

Nas pessoas jurídicas de médio e grande porte ocorreu o maior crescimento da carteira, conforme já mencionei, nós atingimos R\$ 33,6 bilhões de saldo - cabe destaque aqui para as linhas de crédito para capital de giro e para as linhas de investimento que cresceram respectivamente 59,7% e 36%. Esse desempenho das pessoas jurídicas ele é ratificado pelo gráfico de pizza abaixo da tabela que mostra que todas as linhas de crédito cederam espaço para as linhas destinadas às pessoas jurídicas. Hoje os créditos com médias e grandes empresas representam 25,2% da carteira de crédito.

Passamos agora para o slide 6 onde nós vamos comparar o risco de crédito do Banco do Brasil com o sistema financeiro com base nos números divulgados pelo Banco Central. O primeiro gráfico, o do topo do slide, mostra que as operações classificadas nos menores níveis de risco, aqueles que são ranqueados como AA até C responderam por 91% da carteira do banco revertendo a tendência desfavorável observada ao longo de 2006 em função da deterioração da carteira do Agronegócio. Por consequência, no segundo gráfico, do slide nós podemos observar que houve a diminuição da exposição do Banco do Brasil aos créditos classificados naquelas categorias de maior risco, ou seja, as categorias de risco D a H e atualmente, estamos em linha com a distribuição de risco do sistema financeiro nacional.

A lâmina 7 demonstra que a melhoria do risco global da carteira ela é explicada em grande parte pela recuperação das operações de Agronegócio e também pela melhoria na qualidade da carteira de varejo. Cabe aqui destacar para a curva do Agronegócio que reflete a eficiência das medidas adotadas para a recuperação do setor. Notem que o risco médio das operações do agronegócio que chegaram a atingir 9% aproximadamente no terceiro trimestre de 2006, já caíram para 6,1%. Mesmo com a sensível melhora no perfil de risco da carteira, as provisões constituídas são suficientes para cobrir 220,8% das operações vencidas há mais de 15 dias. O índice de operações vencidas há mais de 15 dias sobre o total da carteira caiu de 5,5% no terceiro trimestre de 2006 para 2,8% no quarto trimestre de 2006.

Em relação à carteira de varejo que é o gráfico de barra à direita do slide cabe ressaltar aqui a redução paulatina da concentração da carteira naquelas operações de maior risco, ou seja, de D a H. Em Dezembro de 2005 11,6% da carteira estava concentrada nesse nível de risco e nós encerramos Dezembro de 2006 com 9,3% de concentração nas categorias de pior risco e 90,7% hoje da carteira então, estão concentradas nas operações de melhor risco, de AA a C.

Passando agora para a lâmina 8 é possível observar que o risco médio da carteira de crédito total do Banco do Brasil está 80 pontos base abaixo do risco médio do mercado. No entanto, o Banco do Brasil prefere continuar com uma posição conservadora em relação às suas provisões. Como nós podemos ver no gráfico de barras na parte inferior do slide, hoje atualmente o Banco do Brasil possui 214% de índice de cobertura nas operações vencidas há mais de 90 dias, enquanto que a média do mercado nesse índice está em torno de 167%. Vale salientar aqui que nesse indicador não estão consideradas as provisões adicionais que temos contabilizadas no nosso balanço, o que levaria esse índice de cobertura para mais de 255%.

No slide 9, o gráfico à esquerda apresenta as despesas trimestrais de provisão para risco de crédito. Em relação ao terceiro trimestre de 2006, nós mantivemos uma tendência de redução dessas despesas que atingiram um montante total de R\$ 1,257 bilhão, 9,2% inferior ao do trimestre anterior e 16% menor que as despesas do mesmo período de 2005.

As provisões constituídas elas representam 6,5% da carteira total como pode ser visto no gráfico abaixo à direita e cabe lembrar aqui que o volume de operações vencidas há mais de 60 dias reduziu para 2,9% da carteira. Isso quer dizer que atualmente, no volume de provisão que nós temos cobre mais do que o dobro das operações em atraso a mais de 60 dias.

A lâmina de nº10 detalha a provisão para créditos para risco de crédito segregando aquelas provisões requeridas pela resolução do conselho monetário nacional 2682, do total contabilizado. Note-se que houve uma redução no volume de provisões requeridas de R\$ 971 milhões em relação a Setembro de 2006. Para entendermos o movimento do final do ano cabe aqui um parêntese: no quarto trimestre de 2006 foram concluídas as renegociações das dívidas rurais envolvendo a reprogramação das dívidas vencidas e vincendas amparadas pelas medidas anunciadas pelo governo. Essa renegociação alcançou 99% do total de operações passíveis de renegociação.

O processo de renegociação contemplou também a revisão do risco dessas operações visando espelhar o risco real do cliente. E essas operações sofreram elevação progressiva de risco em função de questões conjunturais verificadas ao longo de 2006 aliadas a situações pontuais nesse período como, por exemplo, o vencimento do limite de crédito do cliente que complementou o histórico de risco das operações. Entretanto, como pode ser visto pelo gráfico, a sensível melhoria no risco de crédito da carteira não se traduziu em reversão de provisões, pois elevamos as provisões adicionais em mais de R\$ 800 milhões. O resultado foi a manutenção de quase R\$ 1,4 bilhão em provisões adicionais ao final de 2006.

Passando para a lâmina 11 em relação a depósitos o banco manteve a sua liderança absoluta na captação de recursos e encerrou o período com R\$ 158,8 bilhões captados em depósitos totais - um aumento aí de aproximadamente 15% em relação a 2005. Um dos destaques aqui foi, sem dúvida alguma, o crescimento dos depósitos a prazo que cresceram 21,1% na comparação de 12 meses e observem que esse comportamento foi praticamente o mesmo observado também no crescimento dos depósitos à vista com pessoas físicas. Cabe lembrar aqui que os depósitos à vista têm sazonalmente o melhor desempenho no último trimestre do ano.

Na parte de baixo do slide nós podemos ver que o múltiplo carteira de crédito sobre depósitos totais no Banco do Brasil está num nível inferior a 1, o que nos dá um conforto razoável para as nossas intenções de crescimento forte no crédito para 2007.

Passando agora para a tabela na lâmina 12, nós apresentamos o comportamento da receita com tarifas, item que cresceu 16,2% em 2006, atingindo o montante de R\$ 8,887 bilhões. O destaque desse grupo aqui cabe para as tarifas com produtos que agrupa aqui as receitas com administração de fundos de investimento, operações de crédito, cartões de crédito, serviços prestados a empresas ligadas e também à liquidação e transferências de fundos. Essas receitas que representam 44% das tarifas recebidas tiveram crescimento de 16,9% e finalizaram 2006 com um montante de R\$ 3,950 bilhões.

Passando agora para a lâmina 13, nós podemos observar que os negócios com seguro, previdência e capitalização agregaram às receitas do banco, R\$ 1,1 bilhão em 2006 entre resultado de equivalência patrimonial e receita de serviço, o que significa aqui um incremento de 27% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Em 2006 o Banco do Brasil passou a atender também os clientes não correntistas com os produtos desse segmento e que estão disponíveis para vendas dos nossos parceiros varejistas. O gráfico na parte inferior da lâmina mostra um índice combinado que expressa o percentual do consumo dos prêmios ganhos pelas despesas operacionais com os negócios dos seguros e aqui tem incluído sinistros retidos, despesas de comercialização e também despesas administrativas. Esse índice, quanto menor, melhor e ele saiu de 91,1% no quarto trimestre de 2005 para 89,1% no quarto trimestre de 2006, uma melhoria de 200 pontos base.

No gráfico da lâmina 14 nós podemos ver a evolução dos negócios com cartões de crédito. Os negócios cartões de crédito agregaram às receitas do Banco do Brasil R\$ 1,9 bilhão entre receitas de prestações de serviços, renda de financiamentos, equivalência patrimonial e outras. Esse volume representa um crescimento de 25,8% em relação a 2005.

No gráfico de barras abaixo da tabela nós podemos observar, o gráfico de linha e de barra, né, nós podemos observar que nós acrescentamos 4,8 milhões de cartões de créditos à nossa base de correntistas encerrando o ano com 14 milhões de cartões de crédito emitidos e no quarto trimestre, o faturamento de cartões de débito e de crédito atingiu R\$ 11 bilhões, um crescimento de 24,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. Cartões para nós, em 2007, será um produto em que estamos apostando forte para nos ajudar a atingir a meta de expansão das receitas com tarifas.

Passando para a lâmina 15 nós apresentamos o comportamento das despesas administrativas. Nesse conceito estamos aqui apartando as despesas com o risco legal para facilitar o entendimento da evolução do item. O crescimento de 5% das despesas administrativas em relação a 2005 representa uma elevação em linha com a inflação, com o efeito do acordo coletivo da categoria e também compatível com o crescimento dos negócios. A elevação no ano de 6,4% das despesas de pessoal ela é explicada pelos acordos salariais firmados no final de 2005 e também em 2006, que garantiram aos funcionários aumentos de 6% e de 3,5%, respectivamente.

As outras despesas administrativas totalizaram R\$ 5,607 bilhões no ano, 3,5% superior ao registrado em 2005. Esse desempenho é devido ao forte controle e aperfeiçoamento na gestão de custos que o banco vem empreendendo e que tem sensibilizado também os novos indicadores de eficiência. Os itens tecnologia, patrimonial e serviços de terceiros têm ligação direta com a estratégia de crescimento orgânico adotada pelo Banco do Brasil nos seus negócios. As despesas de marketing crescem no quarto trimestre de 2006 em razão de esforço adicional de vendas em datas comemorativas como Dia da Criança, o próprio Natal e por conta, também, do lançamento da primeira fase da campanha institucional do Banco do Brasil, que dentre outras estratégias introduziu um novo slogan, “Todo Seu”, “Banco do Brasil Todo Seu” e inovou alterando o nome das fachadas de várias agências do Banco do Brasil durante o mês de Janeiro de 2007 incluindo aí o nome de clientes.

Passando agora para a lâmina 16, nós trazemos alguns indicadores, o índice de eficiência que mede percentual de receitas operacionais consumidas pelas despesas administrativas, chegou a 47,5% contra 48,1% em 2005. E já o índice de cobertura das despesas, das despesas de pessoal com as receitas com prestação de serviços atingiu a marca de 112,9%, um crescimento superior a 1.000 pontos base em relação a 2005.

No slide 17 nós gostaríamos aqui de fazer uma pequena descrição da movimentação ocorrida na carteira de agronegócios para que nós possamos ter uma idéia do balanço das renegociações de ocorridas em 2006.

Como pode ser visto na tabela nós iniciamos o ano com um saldo na carteira de agronegócios, de R\$ 35,708 bilhões e a programação de retorno de principal mais encargos da carteira para 2006, totalizava R\$ 20,3 bilhões. Desse montante, 3,7 bilhões foram pagos, restando R\$ 772 milhões em atraso, ou seja, 3,8% do total programado para recebimento. Nós tivemos R\$ 5,8 bilhões que foram prorrogados no âmbito das renegociações realizadas ao longo do ano, no segundo semestre principalmente, e do total prorrogado, R\$ 4,1 bilhões foram originados em operações de custeio e 1,7 bilhão em operações de investimento.

As baixas para prejuízo feitas no período, totalizaram R\$ 847 milhões na carteira rural. Para Julho de 2007 nós esperamos o pagamento de 20% do valor das operações que foram prorrogadas e o restante será pago em quatro parcelas anuais a partir de 2008 e o total dos desembolsos ocorridos ao longo do ano, somou R\$ 23,9 bilhões e com isso nós então encerramos o ano com saldo na carteira de agronegócios de R\$ 45 bilhões.

Vamos passar agora para a lâmina 18 que traz aqui alguns insumos interessantes para entendermos melhor os riscos que estão sendo assumidos pelo Banco do Brasil na sua carteira de agronegócio.

Ao final de 2006, dos R\$ 45 bilhões de saldo na carteira, 21,7%, ou seja, aproximadamente 10 bilhões, estavam sendo protegidos por mecanismos de mitigação de riscos. O gráfico no slide distribui percentualmente esse valor indicando que do total mitigado, risco de terceiros e o proagro que é o seguro do governo que responde pela maior parte desse mecanismo de mitigação, ou seja, 77% desse valor. Os restantes, 22,5%, estão distribuídos entre seguro agrícola, convênios com empresas da carteira do agronegócio e também por derivativos. Cabe lembrar também que dentro deste livro do agronegócio nós contávamos ao final em 2006 com cerca de R\$ 7 bilhões de operações dentro da linha de créditos agro industrial com empresas do segmento atacado, ou seja, empresas AAA cujo risco é bastante baixo e que pertencem à cadeia do agronegócio.

Passando agora para o slide 19, nós gostaríamos de finalizar, então, a nossa apresentação fazendo algumas reflexões. Primeiro é obvio que o negócio do Banco do Brasil não se restringe ao agronegócio e também é fato que temos delineado as estratégias para continuarmos competindo em todos os segmentos da indústria bancária. Nós sabemos que existem algumas perguntas que poderão ser feitas, e nós já gostaríamos de antecipar as respostas a elas, o que nós pretendemos para 2007.

Nós pretendemos continuar crescendo forte no crédito consignado, não só dentro da nossa base existente de clientes, mas também para não correntistas; nós esperamos aí ultrapassar a barreira de R\$ 12 bilhões em consignado 2007; nós pretendemos também superar a marca de R\$ 2 bilhões em financiamento a veículo em 2007 dentro da nossa rede, mas também iniciaremos mais fortemente a trabalhar com concessionários e lojas multimarcas, nesse item especificamente nós esperamos em 2007 já ver um resultado bom na parceria que nós anunciamos com a Localiza no final do ano passado e que foi iniciada agora em Janeiro; nós estamos ampliando definitivamente o conceito de cliente dentro do Banco do Brasil para aquele que não possui apenas a conta corrente, mas sim para aquele cliente que consome qualquer produto bancário, seja ele correntista ou não do Banco do Brasil. Nesse sentido a oferta de produtos ela vai ocorrer também nas parcerias que fizemos com varejistas e até mesmo, via empresas de telecomunicações ou pela nossa central de atendimento.

Nós pretendemos continuar expandindo nosso projeto de parceria com varejistas; nós encerramos o ano de 2006 com 12 parcerias já efetivadas; a entrada do Banco do Brasil no ramo de financiamento imobiliário já é uma realidade, anunciamos recentemente a parceria que fizemos com a Pouplex, pretendemos intensificar esse negócio ao longo de 2007. Nosso entendimento é que nesse momento é muito importante nós termos o nosso cliente atendido em sua necessidade dentro da nossa rede e ao mesmo tempo continuamos os nossos esforços para que o banco ao final desse ano possa iniciar seu projeto piloto de crédito imobiliário internamente. Por último, o aprimoramento do nosso projeto de segmentação que tem proporcionado o aprofundamento no relacionamento com clientes, nós intensificaremos esse projeto buscando estreitar o relacionamento ainda mais com os clientes de perfil de alta renda.

Bem, essas eram as informações que nós gostaríamos de compartilhar com vocês na apresentação. Estamos um pouco atrasados em função dos problemas tecnológicos já abriremos então para a sessão de perguntas e respostas. Muito obrigado.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Com licença, senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem asterisco (*) um (1). Para retirar a pergunta da lista, digitem asterisco 2.

Nossa primeira pergunta vem do Sr. Paulo Ribeiro, da Bear Stearns.

Sr. Paulo Ribeiro: Bom dia. Bom eu queria retornar um pouco ao slide 17, não sei se porque está ainda meio cedo em Nova Iorque, eu não peguei tudo o que o Geovanne falou, foi meio rápido, sobre a questão da renegociação que ele falou acho que 20% do renegociado será pago em 2007 e o resto em quatro parcelas à partir de 2008; eu só queria entender isso um pouco melhor. E depois pulando para o slide de nº 18 a questão de cobertura de risco qual a expectativa de vocês para 2007; Se vocês esperam que aumente a questão de seguro agrícola, enfim, vocês anunciaram durante o conference de vocês no final do ano que vocês estavam tomando medidas para aumentar essa proteção da carteira. E eu quero saber qual é a expectativa para o ano. Obrigado.

Sr. Marcos Geovanne T. Silva: Paulo, é Geovanne, bom dia.

Sr. Paulo Ribeiro: Bom dia.

Sr. Marcos Geovanne T. Silva: O entendimento é esse mesmo, Paulo, conforme nós tínhamos anunciado no ano passado... ao longo terceiro trimestre, do segundo e do terceiro trimestre as renegociações elas previam um escalonamento das dívidas em até 5 parcelas. Então do total prorrogado, quase R\$ 6 bilhões, 20% já estão vencendo agora em Julho de 2007 e o restante vai vencer em Julho de 2008, 2009, 2010 até 2011, que é o prazo que nós temos que seria um limite máximo de até 5 anos. Claro que tem clientes que renegociaram por menos prazo e outros que vão atender o prazo de 5 anos. Mas isso aí é só para dar uma estimativa para vocês do que esperar além das provisões normais decorrentes do crescimento da carteira, aquelas das operações que foram prorrogadas aí dentro desse programa. Eu gostaria agora de passar para o Aldo para ele falar um pouco sobre o slide 18.

Sr. Aldo Luiz Mendes: Oi Paulo.

Sr. Paulo Ribeiro: Oi.

Sr. Aldo Luiz Mendes: Nós estamos trabalhando exatamente para alargar essas fatias da pizza que você vê aí no slide 18, principalmente no que diz respeito a seguro agrícola, convênio e derivativos. Evidentemente que não depende só da gente. O seguro agrícola tem na outra ponta um subsídio de governo, e o governo está empenhado em aumentar; nós estamos exigindo seguro agrícola em alguns Estados da Federação, os mais importantes como Paraná, Mato Grosso, São Paulo para as culturas mais importantes como milho e soja, enfim, e nós imaginamos que o retrato dessa pizza ao final de 2007 - essa é uma fotografia tirada agora, quer dizer, mas ao final de 2007 os resultados dessa pizza vão ser um pouco melhor do ponto de vista onde nós não só vamos, estamos trabalhando para ampliar aquela fatia de 21.7 que é o risco de terceiros como dentro dessa fatia de 21.7, estamos trabalhando duro também para que haja mais hedge de preço com, nós temos um, estamos levando adiante um convenio com a BNDS, estamos tornando mais popular esse tipo de derivativo junto ao nosso produtor rural; nós estamos oferecendo produtos para eles também, estamos em alguns casos inclusive exigindo que se faça o hedge de preço, enfim, nós temos várias ações em andamento no banco e outras no governo onde a gente espera ampliar esses pedaços da pizza aí dentro desses 21.7. Eu não saberia te dizer nesse momento, eu não saberia, não poderia, não teria condições e elementos de tentar antecipar de como ficaria exatamente essa fotografia no fim do ano em termos de percentuais. Mas seguramente a gente vai aumentar isso aí, acho que o correr dos próximos meses talvez dê para a gente fazer um pouco esse exercício de futurologia e antecipar o que seria essa foto no fim do ano. Talvez daqui a... no final do resultado do primeiro trimestre a gente já possa te dar uma informação um pouco mais precisa sobre isso.

Sr. Paulo Ribeiro: Tá ótimo, obrigado Geovanne, valeu. E mais uma pergunta: sobre a carteira de grandes empresas, teve um crescimento bastante importante nesse trimestre e daí no ano também. Em especial a carteira de grandes empresas, eu fiquei um pouco surpreso com o crescimento e eu queria que você comentasse um pouco a estratégia dessa carteira em termos de margem porque enfim, todo o mundo fala que as margens nesse negócio não são bastante, não são lucrativas; seria isso ligado a um... ao mercado financeiro, a medidas de crescer mercados de capitais; você oferece crédito e daí tem

operação mercado de capitais, se poderia ser ligado também à questão de você oferece crédito e ganha folha de pagamentos da empresa, enfim; qual a estratégia e a questão de como você vê a margem nesse, margem financeira dessa carteira na medida que vocês estão crescendo aí, se a margem está se mantendo enfim, qual a rentabilidade, a rentabilidade dessa carteira para vocês? Obrigado.

Sr. Aldo Luiz Mendes: Começando talvez pelo final da tua pergunta a questão de margem a gente imagina que ela mantém estável; ela já é uma margem apertada e a gente não imagina que venha a comprimir ainda mais, trabalhamos com a hipótese de manter essa margem. O approach da grande empresa ele é, a gente procura atender a empresa nas suas diferentes necessidades, então a gente procura colocar à disposição dos nossos clientes, empresas de grande porte, o maior número possível de produtos e serviços, buscando sempre estar em linha com a concorrência, porque como você sabe essas empresas trabalham com vários bancos, trabalham com os principais bancos do país e nós temos que efetivamente estar 24h por dia antenados em tentar colocar à disposição deles a maior quantidade de produtos e serviços possíveis na medida em que eles nos demandam. Então a nossa visão para esse segmento é procurar atender no máximo o que a gente puder atender esse cliente corporate, desde, não necessariamente buscando o convênio de folha, essas coisas, mas isso faz parte também de negociação, enfim é atendê-la naquilo que ela realmente precisa, sendo um banco mais versátil possível. Inclusive na tesouraria onde a gente tem buscado ser um pouco mais competitivo trazendo novos produtos como operação de *box* como alternativa à captação tradicional de CDB e outras operações estruturadas.

Sr. Geovanne: E em relação ao crescimento, Paulo Ribeiro, já no terceiro trimestre a gente já foi surpreendido por um crescimento maior da carteira de PJ, você tem todo um ambiente de taxas de longo prazo bastante baratas, uma busca maior por linhas de BNDES e a gente apresenta na tabela 37 lá do nosso MG&A a distribuição da carteira de pessoa jurídica por macro setor. Já fica evidente, por exemplo, que o volume de crédito destinado ao setor de metalurgia e siderurgia que em Setembro já tinha aumentado para 9,7% da carteira, ou seja, R\$ 5,8 bilhões, passou em Dezembro para R\$ 8,8 bilhões, ou seja 13%, representando 13% da carteira PJ. E também o setor de energia elétrica que aumentou sua participação de 2,7 em Dezembro de 2005 para 5,7% em Dezembro de 2006, você vê essa evolução paulatina aí nessa tabela 37 do nosso MG&A. Mas sem dúvida alguma essa busca aí de melhoria de mix aproveitando oportunidades nessas linhas, não só de longo prazo, como o próprio capital de giro que cresceu fortemente.

Sr. Paulo Ribeiro: Muito obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Luiz Adaime, do Credit Suisse.

Sr. Luiz Adaime: Oi, bom dia a todos, bom dia Aldo, Geovanne, duas perguntas: uma, vocês mencionaram um crescimento mais forte esperado na parte de cartões para 2007; se vocês pudessem ser um pouco mais específicos no talvez um guidance de crescimento? E outra quanto à receita com tarifa na parte de operações de crédito teve uma queda mais acentuada em relação ao terceiro tri; isso é pelo mix? isso é uma redução da TAC e o que vocês esperam para 2007? Há uma pressão para TAC ou realmente essa deve ser uma área mais difícil pelo mix, um pouco de guidance nesse sentido? Obrigado.

Sr. Marcos Geovanne T. Silva: Tudo bom, Adaime? Nós já vínhamos puxando a quantidade de cartões, você vê aí 14 milhões, a gente pretende aí ultrapassar, a gente acredita que facilmente a gente chegará perto aí dos 18 milhões de cartões emitidos e a novidade vai ser, a nossa projeção em torno de 1,5 milhão de cartões só com não correntistas; via essas parcerias varejistas. Então para 2007 você pode esperar aí um crescimento forte dessa base que a gente vai estar trabalhando para atingir pelo menos 16 milhões e o que vier acima disso é lucro. Fora essas que vêm de parcerias, né?

Sr. Aldo Luiz Mendes: Com relação a TAC, Adaime, eu diria que hoje nós, quando eu me comparo com a concorrência eu diria que hoje nós já somos um banco agressivo em termos de TAC, quer dizer, nós talvez cobremos um pouco menos do que a concorrência. Então acho que a concorrência, talvez se houver uma pressão no sentido de baixar TAC vai ser sentido primeiro na concorrência e depois por nós.

Sr. Luiz Adaime: Então é uma questão mais de mix mesmo e a gente deve esperar isso continuando em 2007?

Sr. Marcos Geovanne T. Silva: Em 2007 o que a gente espera é realmente um crescimento aí em torno de 15% para o nosso nível de tarifas, tá? Na visão ano, tá, final do ano. Tendo casos sazonalidades e dependendo muito de como a indústria vai se comportar nessa questão da portabilidade, até que ponto efetivamente a gente vai ter que abrir mão um pouco de tarifas para reter clientes, tudo isso aí vai depender de como o mercado funciona ao longo de 2007. Mas a gente acredita que 15% de crescimento até o final do ano, para o ano todo é um número bastante razoável para projetar.

Sr. Luiz Adaime: Perfeito, obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Carlos Macedo, do Unibanco Corretora.

Sr. Carlos Macedo: Bom dia Aldo, bom dia Geovanne, parabéns pelo resultado. Tinha um par de perguntas, a primeira tem a ver com o crédito consignado; a gente viu que não só a inadimplência no setor rural melhorou como vocês mostraram, mas as despesas no varejo também melhoraram. O que eu queria entender é quanto que isso se deve a mudança de mix na carteira que está migrando mais para o consignado que tem um risco mais baixo e quanto que se deve realmente à melhora da carteira que não é consignado? E a segunda pergunta é só para esclarecer um pouco mais a receita de equalização que veio bem mais forte nesse trimestre quanto que vocês estão esperando que ela venha nos próximos dois ou três trimestres aí pela frente?

Sr. Marcos Geovanne T. Silva: Deixe eu começar pela equalização, na verdade a gente começa agora a discutir equalização com o governo. Então eu não tenho ainda como fazer um prognóstico de equalização enfim, para os próximos... daqui para a frente. Isso é uma discussão que vai começar agora e, como todo ano, a gente tem um modelo, a gente roda esse modelo e a gente entra numa discussão negocial com o tesouro.

Sr. Aldo Luiz Mendes: Na realidade a equalização, ela com base na safra. Então você já vê aí um resultado nesse quarto trimestre da equalização da nova safra que é 2006/2007 que é naquele patamar que nós tínhamos falado, a gente saiu de 500 para R\$ 1,3 bilhão, né? E

isso aí é negociado a cada safra, o que vai a gente vai iniciar agora vai ser a negociação para a próxima safra 2007/2008, que provavelmente deve ser menor em função da melhoria de risco da carteira, mas isso vai impactar só o segundo semestre. Nós ainda teremos ao longo do primeiro semestre de 2007 aquela equalização alta que nós já tínhamos anunciado lá atrás, em função das liberações. Na estimativa que nós tínhamos falado lá atrás, se não me falha a memória, Gilberto ele está na sala aí, se você me lembra, Gilberto, eu acho que alguma coisa de 60% dependendo do cronograma de liberação ocorreria já.... não, 40% no segundo semestre do ano passado e o restante agora no primeiro semestre de 2007 sobrando um respaldo ainda para o terceiro tri, tá? O que você tem de liberações aí de recursos para o início do plantio, né, que seria nas linhas de custeio você tem também depois para a parte de comercialização quando eles... e tem as safrinhas, as segundas safras que acontecem em algumas regiões do país também agora no início deste ano. Então você tem liberação acontecendo também ao longo do primeiro e do segundo trimestre. Então o total que a gente espera na safra 2006/2007 era isso: R\$ 1,3 bilhão. Para 2007/2008 é uma nova negociação que vai estar acontecendo com base naquela metodologia que a gente já divulgou para vocês também. Agora o quando que isso vai acontecer não cai certinho com o ano fiscal, né?

Sr. Carlos Macedo: Não, perfeito. Só que, quer dizer, desses 1,3 bilhão que você falou então nessa alta, 60% disso para ser aproveitado no primeiro semestre?

Sr. Aldo Luiz Mendes: Sim, sim. E, em relação àquela questão da melhoria do risco do rural, a gente tinha uma lâmina que não está aí na teleconferência, mas só para lembrar a vocês, a gente comparou, fez uma comparação aqui com risco médio, a inadimplência da pessoa física, operações vencidas há mais de 15 dias e a mais de 90 dias sobre a carteira de varejo, de pessoa física, perdão, isso aqui é recursos livres. No Banco do Brasil em Dezembro de 2005 operações vencidas a mais de 15 dias era 3,9% da carteira de pessoas físicas, recursos livres, caiu para 10,5% a inadimplência em Dezembro de 2006. Enquanto que na indústria ela saiu de 12,9 e aumentou para 13,8. Esse mesmo comportamento você vê nas operações vencidas a mais de 90 dias. As operações vencidas a mais de 90 dias no Banco de pessoas físicas era 8,5% da carteira em Dezembro de 2005, e caiu para 6,3% em Dezembro de 2006. Na indústria houve um movimento contrário: aumentou de 6,7 para 7,6%. E, sem dúvida alguma, a alteração no mix foi fundamental, foi primordial para essa alteração, essa melhoria na qualidade, tá?

Sr. Carlos Macedo: Perfeito. Tá bom obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Jorg Friedmann, da Merrill Lynch.

Sr. Jorg Friedmann: Oi bom dia, bom dia Aldo, bom dia Geovanne. A minha pergunta ela é referente ao slide 17; a gente tem o cronograma de renegociações e a gente também tem no item D atrasos que chegam a cerca de R\$ 800 milhões. Eu gostaria de saber se para primeiro semestre agora de 2007, existe algo ainda para ser renegociado desse montante, e qual a expectativa de vocês em relação a isso?

Sr. Aldo Luiz Mendes: Oi Jorg, aqui é o Aldo, tudo bem? Não há, o que tinha que ser renegociado já foi lá atrás; 99 vírgula alguma coisa do que podia ser renegociado, 99 vírgula

alguma coisa por cento foi renegociado. Então não tem mais renegociações à vista não. O que prevalece agora é 2682 a gente vai agora atrás da cobrança, entendeu, desse pessoal que realmente nem se interessou por renegociar.

Sr. Jorg Friedmann: Perfeito, então não tem mais nada para ser renegociado a princípio. Outra pergunta em relação à administração de fundos de investimentos, a gente viu que as receitas aí relativas a esse item em receitas de serviços recuaram um pouco nesse trimestre, e eu gostaria de saber se isso já é de repente algum reflexo da migração de gestão de recursos para depósitos de poupança e como vocês vêem isso evoluindo ao longo aí de 2007?

Sr. Marcos Geovanne T. Silva: Oi Jorg, eu acredito, eu não tenho exatamente o, digamos assim, fonte de uso desse negócio, mas nós percebemos um crescimento sim na poupança e, é claro, como o investidor é racional a poupança começou a apresentar algum brilho que ela não apresentava até então e pode estar já apresentando alguma atratividade em cima de recursos dos fundos, sim. Mas nós estamos reagindo e em breve nós vamos estar anunciando, por que isso foi aprovado na semana passada, se não me falha a memória no conselho diretor do banco, a nova família de fundos exatamente uma nova família de fundos que, estão pegando alguns fundos que já estão aí na praça, reformatando esses fundos e construindo uma nova família exatamente para fazer face a essa concorrência que vem de outros produtos como poupança. Então nós estamos enfrentando essa concorrência e, por outro lado, a gente imagina que é questão de tempo mais cedo ou mais tarde a questão da poupança deverá mudar: senão por estoque, no mínimo para os novos fluxos.

Sr. Aldo: Agora tem também aí um pouco de competição e a necessidade de ajustar aí essas tarifas em função da nova realidade, né?

Sr. Jorg Friedmann: Perfeito então. Tá bom obrigado.

Sr. Marcos Geovanne T. Silva: Bem, pode falar, operadora.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Fabiano Barcik, do Banco UBS Pactual.

Sr. Fabiano Barcik: Bom dia a todos. Eu só queria, vocês já abordaram bastante com relação ao crédito do agronegócio, eu só queria levantar um ponto: com relação à apresentação que vocês fizeram no segundo tri de 2006 vocês desenharam um cenário para administração da carteira e falaram que manteriam um risco médio acruado da carteira em 8.2% nos próximos doze meses e fariam provisões aproximadas de 1.2 bilhão no segundo semestre de 2006 e primeiro semestre de 2007. Alguma coisa mudou nessa estratégia e vocês estão trabalhando? Como é que vocês estão vendo isso?

Sr. Marcos Geovanne T. Silva: De fato houve aquele ajuste que nós falamos do arrasto, tá, porque quando a gente fez essa projeção lá no segundo tri, a gente estava com um nível médio da carteira nesse nível aí de 8%, só que nós tínhamos alguns efeitos decorrentes da nossa política de crédito que estavam agravando ainda mais a situação. Então o que houve agora, foi esse ajuste como, por exemplo o efeito arrasto daquele endividamento que ao invés de considerar 1% de endividamento para arrastar todas as operações, a gente está

considerando 5%. E conforme eu mencionei ao longo da apresentação a revisão também dos riscos de determinadas operações em função do risco do cliente quando o cliente voltando ao risco original do cliente antes de todo esse início. Cabe lembrar aqui que no período da renegociação diversas operações cujos clientes tiveram seus limites de crédito vencido porque eram do vencimento do crédito, a nossa política automaticamente fazia um down grade da operação, então todas essas imperfeições foram corrigidas, por isso que o risco médio da carteira hoje ele caiu significativamente e está em torno de 6%, tá? Então aquele 8%, sem dúvida alguma, era uma estimativa muito conservadora e que não se refletiu na realidade, tá, houve uma melhoria significativa não só em função do próprio setor, melhoria, recuperação de preço de commodities, redução dos custos de produção como também o próprio conservadorismo e alguns problemas que a gente percebeu que seriam necessários se ajustar na maneira como a gente estava classificando e a agravando risco dessas operações.

Eu gostaria aqui de só dar mais uma informação de uma pergunta que eu recebi pela Internet, do Mozart Pereira da Silva, que ele pergunta qual é o valor que será distribuído por ação, só para antes da gente encerrar, nós divulgamos o nosso, o aviso aos acionistas ontem o valor bruto será de R\$ 1; 1.044733, uma parte é em dividendos outra parte é sobre juros, em juros sobre capital próprio, ele será pago no dia 12 de Março e ele será atualizado com base na Celic desde 31 de Dezembro até a data do efetivo pagamento. As demais perguntas eu gostaria de convidar as pessoas para entrarem na conferência de inglês que já estamos atrasados 10 minutos em função da falha técnica e a gente poderá continuar conversando na de inglês, ok? Eu gostaria de passar a palavra agora para o Aldo para fazer o encerramento. Por favor, Aldo.

Sr. Aldo Luiz Mendes: Bom, agradeço a todos a presença nessa teleconferência e lembrando sempre que as informações estão todas disponíveis no nosso site de RI , no site de RI do Banco do Brasil. Obrigado a todos e muito bom dia.

Operadora: A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no site do Banco do Brasil www.bb.com.br/ri na página de relações com investidores. Obrigada e tenham todos um bom dia.
